

LITERATURA: ENCONTROS ENTRE A LEITURA LITERÁRIA E AS NARRATIVAS DA VIDA

CLAUDIA GONÇALVES DA SILVA*

Universidade Ibirapuera (Unib), Programa de Pós-Graduação em Educação, São Paulo, SP, Brasil.

Recebido em: 23 abr. 2023. Aprovado em: 18 jun. 2023.

Como citar este artigo: SILVA, C. G. da. Literatura: encontros entre a literatura literária e as narrativas da vida. *Cadernos de Pós-Graduação em Letras*, v. 23, n. 2, p. 51-67, maio/ago. 2023. doi: 10.5935/cadernosletras.v23n2p51-67

Resumo

Este artigo de revisão narrativa se propõe a apresentar a literatura enquanto arte e linguagem, ampliando a discussão sobre concepções literárias. Os referenciais teóricos apoiam-se na epistemologia psicanalítica que considera o sujeito em sua constituição psíquica, o qual possui vivências únicas. Destaca-se a literatura para além do entretenimento, ressaltando a linguagem estética por meio de palavras que ultrapassam o uso recorrente do cotidiano. A literatura, enquanto arte, aprimora a capacidade de perceber e desperta reflexões sobre as ações humanas, oportunizando a humanização. A literatura amplia as vivências humanas e torna-se um exercício de liberdade.

* E-mail: claugons@hotmail.com
 <https://orcid.org/0000-0002-7625-570X>

Palavras-chave

Literatura. Linguagem estética. Psicanálise.

INTRODUÇÃO

Literatura. Cinco sílabas. Uma palavra. Inúmeras reflexões. Neste artigo, a proposta é apresentar a literatura que alcança e ressignifica espaços. Espaços internos e externos. Espaços individuais e coletivos. Espaços de entretenimento e conhecimento. Esta literatura que amplia discussões não se define somente em conceitos, porque não se restringe a concepções. É a literatura viva que atravessa tempos e locais para acompanhar cada leitora(leitor) no presente, em uma relação única.

Esta escrita se constrói por meio de referenciais que abordam a literatura enquanto arte e linguagem e está apoiada na epistemologia psicanalítica que considera o sujeito em sua constituição psíquica. Por ser um artigo de revisão narrativa, a escolha dos referenciais foi realizada a partir da aderência à proposta do tema e da epistemologia apresentada, pois, de acordo com Botelho, Cunha e Macedo (2011), os artigos de revisão de literatura utilizam referenciais bibliográficos com o objetivo de fundamentar, teoricamente, o assunto apresentado. Assim, é a(o) autora(autor) quem seleciona e analisa a literatura selecionada, em uma abordagem qualitativa (Rother, 2007).

Para este artigo de revisão narrativa, entre os meses de setembro e novembro de 2022, foram levantados referenciais que tratam sobre a literatura, em português, sem critério do ano das publicações, resultando em 14 livros e quatro artigos publicados em revistas científicas. Após a leitura aprofundada dos referenciais selecionados, foram excluídas duas obras: um artigo e um livro que abordam a literatura em perspectivas que não convergem com a epistemologia proposta nesta pesquisa.

Cabe à(ao) pesquisadora(pesquisador), assim, assumir o papel de cientista ao pesquisar e sistematizar os dados obtidos (Demo, 1995). A construção deste artigo tem referência na abordagem da literatura enquanto arte e linguagem e está apoiada na epistemologia psicanalítica que considera o sujeito em sua constituição psíquica.

Tabela 1 – Referenciais selecionados por ordem de levantamento.

Autora/Autor	Suporte	Título da obra	Assunto
NAVAS; IGNÁCIO, 2015	Artigo	Usos suspeitos do texto literário	Educação literária
BORTOLANZA, 2011	Artigo	O texto sedutor na literatura: apontamentos para uma leitura da literatura infantil brasileira contemporânea	Discurso estético e discurso utilitário
REYES, 2012	Livro	<i>Ler e brincar, tecer e cantar: literatura, escrita e educação</i>	Livro e leitura. Literatura infantojuvenil
CHRISTO OLIVEIRA, 2021	Artigo	Sobre a linguagem poética e escuta na clínica psicanalítica	Linguagem poética e sua relação psicanalítica
AZEVEDO, 2021	Livro	<i>Retratos da leitura no Brasil 5</i>	Livros e leitura. Brasil. Estatísticas
COMPAGNON, 2009	Livro	<i>Literatura para quê?</i>	Teoria literária. Literatura
CANDIDO, 2004	Livro	<i>Vários escritos</i>	Direito à literatura
LIMA et al., 2012	Livro	<i>O direito à literatura</i>	Direitos humanos na literatura
SUTHERLAND, 2017	Livro	<i>Uma breve história da literatura</i>	Livros e literatura
ANDRUETTO, 2012	Livro	<i>Por uma literatura sem adjetivos</i>	Livro e leitura
GALLIAN, 2017	Livro	<i>A literatura como remédio: os clássicos e a saúde da alma</i>	Humanização e literatura
PERRONE-MOISÉS, 2016	Livro	<i>Mutações da literatura no século XXI</i>	Literatura – estudo e ensino
DEWEY, 2010	Livro	<i>Arte como experiência</i>	Estética e experiência
PENNAC, 1993	Livro	<i>Como um romance</i>	Direitos da(o) leitora(leitor)
MARTINS; PICOSQUE, 2012	Livro	<i>Mediação cultural para professores andarilhos na cultura</i>	Linguagem artística e mediação estética
PETIT, 2010	Livro	<i>A arte de ler ou como resistir à adversidade</i>	Literatura e mediação literária

Fonte: Elaborada pela autora (2022).

Com o compromisso de desfragmentar conhecimentos, a literatura permeia diversos aspectos concomitantes para propor conversas que a retirem de uma visão reducionista de leitura de entretenimento, enfatizando a linguagem poética como palavras que ultrapassam o uso recorrente do cotidiano. A leitura literária abrange experiências diversificadas, possibilitando que a(o) leitora(lector) conheça melhor a si e ao outro e se expresse de uma maneira que o discurso do dia a dia desconsidera. A literatura, enquanto arte, aprimora a capacidade de perceber as realidades existentes e desperta reflexões sobre as ações humanas. A arte literária amplia as vivências humanas, subverte as certezas da vida e torna-se um exercício de liberdade.

As potencialidades da literatura, entretanto, não a colocam no lugar de solução ou prescrição aos impasses cotidianos. A oportunidade que as obras literárias oferecem é a de ampliação de perspectivas, propiciando que a(o) leitora(lector) se conheça, descubra-se e se proponha a reconstruir as leituras de mundo a partir de si, em uma relação singular e sensível. Isso não significa que a literatura dite caminhos. A literatura não se faz impositiva, não se relaciona com conclusões, pois as palavras utilizadas de maneira estética dão forma a pensamentos e sentimentos e funcionam como portas para a compreensão das realidades. A leitura literária, por meio de diversas representações simbólicas, convida à reflexão a partir das problematizações sobre a vida, a qual não garante linearidade, tampouco previsibilidade, porque viver é lidar com constantes incertezas.

Por tornar visível a diversidade humana, a literatura pode humanizar por se relacionar à empatia, às emoções e à contemplação das realidades vividas ou imaginadas. Pode humanizar por fazer com que a(o) leitora(lector) se reconheça nas leituras literárias, compartilhe suas alegrias, tristezas e expectativas, possa parar de ler o livro para continuar lendo o mundo, em um movimento espiralado.

Este artigo é um convite para (re)criar a compreensão sobre literatura, mas não de maneira linear, que segue pontos progressivos de entendimento, tampouco apresentar conclusões ou a finitude das discussões. A proposta é um ir e vir de leituras e releituras, por meio de uma espiral de pensamentos e sentimentos, memórias e aspirações para, então, evidenciar a literatura como expressão singular, como arte polissêmica e como representação da liberdade. É a leitura literária que questiona, duvida, propõe e permite o livre pensar, sentir e ser de cada leitora(lector). Talvez, a partir das páginas deste artigo,

muitos livros literários serão (re)encontrados, (re)lidos e (res)significados para tocar, encantar e incomodar as leituras acerca da vida.

A LINGUAGEM ESTÉTICA DA LITERATURA

Para além de ler encontra-se a literatura. Muito mais do que a decodificação de palavras ou o estudo de escolas literárias, a literatura está para entreter, refletir e fazer existir. Existir a si mesma, a quem lê ou para que as realidades possam se concretizar ou se alterar. Sutherland (2017) afirma que, entre as combinações de letras pretas em uma superfície branca, há o auge da mente humana para a expressão e interpretação do mundo: a literatura. São combinações de palavras trabalhadas em sua melhor forma, permitindo a expansão dos pensamentos e das sensibilidades de cada leitora(leitor) e possibilitando que as complexidades da vida sejam mais bem tratadas, mesmo que nem sempre se concorde, inteiramente, com o que se lê.

É a literatura que revela e provoca. O texto literário pode acolher e encantar ao mesmo tempo que confronta e surpreende, porém não o faz da mesma maneira para todas(os) que o leem. A literatura, por sua estética, enriquece a vida de maneira única para cada leitora(leitor). Petit (2010) especifica que a literatura desperta a interioridade, movimenta o pensamento, ativa as simbolizações, as construções de sentidos e, por esses motivos, viabiliza trocas inéditas entre a(o) leitora(leitor) e a obra literária.

As palavras, na literatura, possuem combinações infundáveis. São palavras que apontam, mas não conduzem; que afirmam, mas também negam; que respondem, mas não concluem. A literatura não utiliza as palavras em seu uso recorrente do cotidiano. Reyes (2012) exemplifica que ler um manual de instruções não é o mesmo que ler uma poesia e essa distinção se faz necessária para que as(os) leitoras(es) não continuem a ler todos os textos com a mesma postura.

A literatura, conforme Compagnon (2009), recorre à linguagem comum de maneira particular, compensando a insuficiência das palavras cotidianas para expressar o impulso, para sugerir a vida, anunciando o que há em cada pessoa e que, até então, era ignorado por lhe faltarem palavras. A literatura brinca com a língua, ultrapassa suas submissões, explora suas margens e liberta de suas limitações.

No texto literário, a palavra deixa de ser funcional, ela “chega pelo que diz, mas também pelo que não diz, pelo que nos diz e pelo que diz de nós” (Andruetto, 2012, p. 55). A literatura se afasta do utilitarismo, ou seja, do discurso utilizado para determinados fins, para construir uma expressão autônoma que parte da ficção ao real, facilitando caminhos para as emoções e fazendo emergir os textos interiores. Por meio da ficção, de acordo com Andruetto (2012), a literatura oportuniza uma pausa momentânea às realidades para que se possa engendrar outros roteiros.

A partir da literatura, é possível ampliar olhares que permitem perceber o mundo de outras formas. Ao jogar luz em pontos permeados pelas subjetividades humanas, a obra literária convida à revisita de si, oportunizando variadas maneiras de expressar-se e colocar-se diante da vida. Reyes (2012) afirma que, enquanto linguagem, a literatura é como uma pele que reveste as pessoas. Por isso, literatura “não é o argumento, nem os personagens, tampouco os significados que lemos” (Reyes, 2012, p. 20). Há uma contradição ao desejar que todas(os) destaquem os mesmos parágrafos de um conto, que ressaltem as mesmas ideias principais de uma obra literária e que desconsiderem as simbolizações que não podem ser definidas pelo dicionário. A leitura literária deve propiciar a vazão à imaginação e ao livre exercício da sensibilidade, para que se leia com o coração os mundos simbólicos que outras(os) elaboraram (Reyes, 2012). A obra literária não está a serviço de intencionalidades predeterminadas que indiquem caminhos inflexíveis, exclusivos e sem questionamentos, pois a literatura “não se faz com boas intenções, não tem compromissos com modismos, não é para dar lições de vida, e muito menos para reforçar conteúdos escolares. Literatura é linguagem” (Lajolo, 2012, p. 9).

Enquanto linguagem, Sutherland (2017) destaca que a obra literária é um diálogo de ideias, revestido pelo entretenimento, que propicia que a(o) leitora(leitor) debata sobre o mundo. Petit (2010) ressalta que recorrer aos livros é uma busca sobre si, uma forma de transformar, por meio de uma elaboração simbólica, o que ainda é obscuro ou confuso. Uma história faz com que a(o) leitora(leitor) se encontre, rememore suas vivências, fale sobre si sem falar de si, já que o livro foi escolhido para representá-la(o). “A literatura não é uma experiência separada da vida; a literatura, a poesia e a arte estão também na vida” (Petit, 2010, p. 292). A obra literária não é uma futilidade, mas uma apropriação que dá sentido à vida, faz discernir o que não era possível enxergar, simboliza as experiências humanas e deveria estar disponível a todas(os),

desde a mais tenra idade. Para além de um reconhecimento de si, a literatura permite uma “mudança de ponto de vista, um encontro com a alteridade e talvez uma educação dos sentimentos” (Petit, 2010, p. 110).

A possibilidade de a literatura tocar de diferentes formas muitas(os) leitoras(es) ou cada uma(um) delas(es) significa que um livro pode ser acolhido por algumas(ns) e repellido por outras(os) ou mesmo ser relido e ganhar novos sentidos pela mesma pessoa. Entre encontros e desencontros, a leitura literária permite se deparar com o inesperado. Como um abraço fraterno ou um banho frio, a literatura afaga e acorda. “A verdadeira arte não embala os adormecidos. Desperta-os” (Vaz, 2011, p. 45).

A linguagem literária, ao alcançar as(os) leitoras(es), possibilita (re)construções dos caminhos humanos sem indicar direções únicas, respeitando as subjetividades do sujeito. É a literatura que, enquanto arte, de acordo com Dewey (2010), aprimora a capacidade de perceber, apresentando experiências que levam as pessoas para além de si, a fim de encontrarem-se a si mesmas. A arte se constitui por muitas linguagens e só existe por completo, independentemente de seu veículo, quando há o elo entre a(o) artista e o público. Dessa forma, um novo poema é criado por cada uma(um) que o lê, pois todo sujeito traz consigo suas individualidades, um modo de ver e sentir únicos, construindo algo inédito.

Como trajes para o baile da vida, uma obra literária pode ser a vestimenta principal de debutante ou apenas a peça que compõe corriqueiras danças. Tal qual o par de sapatos que não calça todos os pés, a literatura se faz pessoal. Em um imbricamento espontâneo, a arte literária compõe o sujeito de forma respeitosa, singular e sem imposições, estendendo a mão para auxiliar nas conduções das coreografias cotidianas.

A experiência estética pode ampliar o contato com o contexto social e cultural e acervo imaginário de tal modo que obras e artistas passem a integrar o patrimônio pessoal como um bem simbólico interno, um repertório conectado à vida para a leitura do mundo, das coisas do mundo e da própria Arte (Martins; Picosque, 2012, p. 116).

Por sua polissemia e plasticidade, as linguagens artísticas retratam olhares privilegiados sobre o mundo e o que lhe compõe. “Uma obra pode nos atrair, nos repelir, mas sempre nos inquieta” (Martins; Picosque, 2012, p. 26). A arte, como enfatizam Martins e Picosque (2012), obriga a ação reflexiva sobre

conceitos particulares através de outras perspectivas, levando cada sujeito a conversas interiores. Por isso, Compagnon (2009), ao comparar a literatura a outras representações estéticas, afirmou que a arte literária não é a única forma de ressignificar as experiências humanas. Entretanto, a literatura:

oferece um meio – alguns dirão até mesmo único – de preservar e transmitir a experiência dos outros, aqueles que estão distantes de nós no espaço e no tempo, ou que diferem de nós por suas condições de vida. Ela nos torna sensíveis ao fato de que os outros são muito diversos e que seus valores se distanciam dos nossos (Compagnon, 2009, p. 47).

A arte possibilita o vínculo com o mundo através de uma aprendizagem inventiva por meio do movimento entre sensação, sentimento, razão e ação. Nessa dinâmica, a reflexão sobre o mundo, sobre a humanidade e sobre as coisas não se associa a conceitos explicativos, mas a caminhos inventivos permeados por sabedorias intuitivas e questionadoras (Martins; Picosque, 2012). A literatura, como linguagem estética, apresenta-se à(ao) leitora(leitor) como um imenso catálogo de situações, no qual as capas e os títulos tornam-se o olho mágico da porta que se abrirá. A partir de então, tudo é possível, inclusive voltar à porta inicial e aguardar um outro dia ou mesmo decidir por continuar e esbravejar, chorar ou rir; decepcionar-se, indagar-se e talvez olhar para uma circunstância real de maneira diferente.

A literatura é linguagem: expressa, manifesta. A literatura é arte: percebe, faz refletir. Em um lugar privilegiado, a literatura é uma atividade complexa que não impede a(o) leitora(leitor) de “encontrar prazer, distração, informações, assuntos de conversa, algumas vezes ideias que apurem seu espírito crítico; e, de tempos em tempos, de se encantar com uma escrita, serem tocados por um estilo, sensibilizados por um ritmo” (Petit, 2010, p. 183). A literatura é linguagem artística que se movimenta do entretenimento ao conhecimento humano. Muito mais que definir, a linguagem literária está para interrogar: a si mesmo, ao mundo e à vida.

Gallian (2017) pontua que é necessário um resgate da arte literária como conhecimento, como narrativa capaz de, por si só, despertar reflexões profundas sobre as ações humanas. Para tanto, a literatura não pode ser tratada na perspectiva conteudista ou de uma abordagem intelectualista, apenas ilustrando escolas literárias ou movimentos artísticos e ideológicos, mas sim como histórias que emocionam e incitam questionamentos sobre a vida. Em defesa

do conhecimento literário, Compagnon (2009) afirma que, como um exercício de reflexão, a literatura propicia o entendimento acerca do mundo e da humanidade. “Um ensaio de Montaigne, uma tragédia de Racine, um poema de Baudelaire, o romance de Proust nos ensina mais sobre a vida do que longos tratados científicos” (Compagnon, 2009, p. 26).

Os conhecimentos proporcionados pela literatura ultrapassam o que é quantificável. Ler é aprender, informar-se, saber de onde se vem e para onde se vai, conservar o passado, entender o presente, conhecer as pessoas, evadir-se, distrair-se, cultivar algo, comunicar-se, exercer a criticidade e buscar um sentido na vida (Pennac, 1993). Uma obra literária permite resistir ao esperado, ao senso comum; possibilita questionar e posicionar-se, livremente, porque é permitido ler e não concordar, não concordar com o que se lê ou com o que se vê ao olhar ao redor. Martins e Picosque (2012) ressaltam que a arte não gera explicações sobre o mundo, porém provoca a pensar sobre ele de maneira questionadora, incitando interrogações sobre a vida. A arte favorece no aprender a ver, a perceber, a aceitar as incertezas da vida e “apresenta o mundo em uma experiência nova” (Dewey, 2010, p. 181).

Mais do que um “elemento ilustrativo e comprobatório dos arcabouços teóricos” (Gallian, 2017, p. 79), a literatura precisa ser considerada como um meio de reflexão e conhecimento por si mesma. A literatura não é um apêndice de estudos teóricos. Em sua generosidade de diálogo, a linguagem literária pode articular com os mais diversos saberes, no sentido de agregar conhecimentos e não se apresentar apenas como acessório. O conhecimento oriundo da literatura contrapõe-se ao utilitarismo, pois a literatura, enquanto linguagem estética, não é construída a pedidos e não possui uma finalidade única. Entretanto, Bortolanza (2011) afirma que, apesar de o discurso estético possuir traços utilitários, o utilitarismo tem como essência a ideologia e a busca por adesão.

O discurso utilitário não é o foco da linguagem estética. Na linguagem estética, as características utilitaristas surgem como pontos aleatórios que podem ser discutidos sem apontar direcionamentos únicos ou uma exclusiva maneira de relação com a obra literária, o que geraria determinadas respostas ou posturas das(os) leitoras(es) a partir do texto lido. No discurso utilitário, o livro é utilizado apenas como uma cortina que esconde intencionalidades utilitaristas, as quais explicitam mensagens impostas à(ao) leitora(leitor) que não objetivam reflexões, escolhas de decisões ou interlocuções.

Diferentemente do discurso utilitário, em que o narrador submete o leitor, no discurso estético o leitor participa, tornando-se cúmplice do narrador. Essa reciprocidade possibilita que o leitor seja interlocutor do narrador, deslocamento que marca uma relação dialógica entre narrador e leitor (Bortolanza, 2011, p. 160).

Pennac (1993) enfatiza que a literatura não deve pedir nada em troca, tampouco agregar julgamentos de valor. A leitura literária é um ato de criação permanente, no qual as(os) autoras(es) escrevem em sua linguagem própria, mas suas histórias são contadas por e para cada leitora(leitor) de maneira singular. Quem lê remete as histórias aos seus saberes, explanando sobre o texto literário em vez de permitir que o texto fale por ela(ele). Em sua polissemia, a linguagem literária dialoga com as(os) leitoras(es) de forma flexível e pessoal, distanciando-se da apresentação de uma história única. Afinal, “o verbo ler não suporta o imperativo” (Pennac, 1993, p. 13).

A literatura é subversiva (Pennac, 1993; Compagnon, 2009), questionadora, versátil e oportuniza reflexões sem apontar caminhos específicos ou exclusivos. Uma obra literária não é um manual de condutas ou uma receita pronta a ser seguida. A subversão da arte literária está na provocação instalada em cada leitura ao permitir interrogações sobre as verdades apresentadas e não restringir as diversas manifestações sobre a vida. O deslocamento para outras realidades permite que, por meio da leitura literária, a(o) leitora(leitor) vislumbre outras possibilidades de se relacionar com a vida. A literatura, como linguagem e arte, é expressão que se constrói a partir das subjetividades das(os) leitoras(es). Na literatura, as palavras lidas transformam-se nas mais variadas leituras sobre si e o mundo.

A linguagem literária, poética, estética transforma palavras em passaportes para outros espaços. Cada leitora(leitor) revisita a si e pode voltar dessa viagem com outras perspectivas que a(o) auxiliam em sua jornada cotidiana. Segundo Lima *et al.* (2012), a literatura é uma metáfora que o ser humano utiliza para interrogar, recriar, compreender e narrar a sua história. Em um vínculo intrínseco com a humanidade, a literatura interroga a partir das relações históricas e sociais e, por esse motivo, proporciona diálogos para o entendimento sobre a vida.

Por oportunizar o conhecimento e a reflexão sobre a essência humana e as realidades vividas, Navas e Ignácio (2015) destacam que a literatura colabora para a construção da identidade de cada sujeito e sua compreensão sobre o

mundo. Enquanto linguagem, a literatura “agrega, para muito além de técnicas linguísticas e possibilidades de formulação comunicativa, territórios sensoriais, emocionais e racionais inerentes ao sujeito e indissociáveis de uma atuação social autônoma” (Navas; Ignácio, 2015, p. 55).

A literatura tem o dom de ampliar nosso vocabulário subjetivo. Não me refiro apenas ao número de palavras, mas, sim, a palavras que entram no nosso vocabulário de forma inesperada, para expressar, expandir, resignificar, “redescrever” nossos sentimentos, nossa visão política e social, nossa leitura da vida e do mundo. Tento dizer que o novo vocabulário pode permitir que digamos uma coisa que nunca tínhamos dito antes a ninguém, nem a nós mesmos (Azevedo, 2021, p. 120).

A relevância da literatura na vida da(o) leitora(leitor) não é mensurável. Isso não significa, entretanto, que a literatura seja dispensável. Ao apontar a literatura como arte, como ficção, ressalta-se uma necessidade humana: a fabulação. Navas e Ignácio (2015) apontam que a literatura, desde a Antiguidade, tem como pressuposto significar as experiências humanas por meio da fabulação. As(os) leitoras(es), conforme Andruetto (2012), recorrem à ficção para tentar compreender a própria humanidade, dizendo sobre cada pessoa de uma maneira que as ciências não podem fazer. A narrativa literária explora os territórios do outro, expandindo as experiências de quem lê. A literatura reflete a necessidade humana de não se contentar em viver uma vida única, pois, por meio da ficção, acessam-se outros mundos possíveis, pausando as próprias vidas para adentrar em outras existências.

“O texto literário fala de mim e dos outros; provoca minha compaixão; quando eu leio eu me identifico com os outros e sou afetado por seu destino; suas felicidades e seus sofrimentos são momentaneamente os meus” (Compagnon, 2009, p. 48-49). Por articular-se às emoções e à empatia, a literatura abrange experiências que outros discursos desconsideram, mas que a ficção reconhece em seus detalhes.

A literatura trata da vida de forma não convencional, por vezes estimulando a transformação do mundo e quase sempre exaltando a sensibilidade e sabedorias. Não se entende, entretanto, que a literatura possua verdades universais. Ela apresenta a exceção, explicita os comportamentos humanos de forma heurística, em uma busca incessante e sem a apresentação de conclusões. A ficção introduz dúvidas, ambiguidades e interrogações nas certezas existentes (Compagnon, 2009).

Por meio da arte literária, é possível “perceber o mundo e os seres do mundo com uma sabedoria que não cabe nas equações” (Martins; Picosque, 2012, p. 128). Os discursos lógicos não são, nesse sentido, a única maneira de expressar-se e existir no mundo. Perceber, observar, sentir e refletir sobre si e as realidades, bem como emocionar-se, inquietar-se ou sentir-se acolhido por uma obra literária, também é um saber viver.

Em um movimento de interação entre a individualidade do sujeito com as suas buscas e com a relação com outras pessoas, Martins e Picosque (2012) destacam a dinâmica da processualidade, como experiência estética, que desconsidera as ideias de permanência e estabilidade para focar as perguntas, dúvidas e problematizações. Ao ler literatura, torna-se plausível voar sem asas, sair do lugar sem mover-se ou elucubrar perspectivas que escapam ao senso comum. Christo Oliveira (2021) afirma que, por vezes, as palavras do discurso comunicativo não conseguem traduzir o que se quer falar e que a linguagem cotidiana tem limitações para dar conta dos contextos apresentados. É a literatura, então, que preenche os vazios, que ressignifica os pensamentos, que abre brechas para o que ainda não é possível explicar.

A obra literária, por provocar questionamentos, por ser o território da dúvida, torna-se libertadora (Andruetto, 2012). Liberta ao contestar e contrapor, por permitir pensar sobre a vida para além da maneira convencional (Compagnon, 2009). Com a liberdade oportunizada em conhecer a si e ao mundo por perspectivas diversas, a arte literária transforma-se em um fator de humanização. A literatura permite que a(o) leitora(leitor) tenha mais sensibilidade à diversidade humana e às complexidades da vida por meio da articulação de palavras que, como explicita Candido (2004), organizam-se em um arranjo especial que sugere sentido à(o) leitora(leitor), proporcionando forma às emoções.

A literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e, portanto, nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade (Candido, 2004, p. 186).

A literatura é resistência por sua característica subversiva diante da desumanização, pois a era moderna, que valoriza a perspectiva intelecto-conceitual, não privilegia palavras que expressem os sentimentos e as realidades mais

amplas e profundas (Gallian, 2017). Enquanto os termos técnicos restringem, definem e determinam, a leitura literária permite sentir sem exigir explicações e refletir sem a necessidade da utilização de referenciais teóricos. Recorre-se à arte literária como expressão que está insubordinada às limitações impostas pela linguagem cotidiana.

[...] sem as palavras adequadas para traduzir e expressar o que sentimos, sem termos que nos ajudem a perceber e a nomear nossos assombros, êxtases e perplexidades frente ao movimento da vida, vamos todos adoecendo e nos desumanizando (Gallian, 2017, p. 74).

A leitura literária é um ato de resistência a todas as contingências: sociais, afetivas, culturais “ou umbilicais. Uma leitura bem levada nos salva de tudo, inclusive de nós mesmos” (Pennac, 1993, p. 81). A literatura é uma autêntica forma de pensar, movimentando a inteligência sem desconsiderar os sentimentos e propiciando a discussão das temáticas da humanidade sem se perder no intelectualismo (Gallian, 2017).

A literatura subverte, existe e resiste por meio da linguagem estética. Um discurso apoiado em argumentos lógicos e racionais direciona-se para as conceitualizações, em abrangências binárias entre o certo e o errado, o aceitável ou o inadmissível. O discurso estético, no entanto, possibilita inúmeras interpretações que ultrapassam a discussão da resposta cabível. A leitura literária dá voz aos silêncios, ressignifica sentimentos, permite enxergar o que não se vê a olho nu. “A literatura trabalha com toda a experiência vital de um ser humano – e não só com o pedacinho que se pode medir” (Reyes, 2012, p. 22). Nas leituras literárias, as palavras se libertam das amarras da literalidade para ganhar novos sentidos e compor as narrativas da(o) leitora(leitor).

Pousadas no horizonte
palavras presas ao poente
aguardariam na leitura
o renascer
e a liberdade
em cada
voo (Neves, 2020, p. 14).

A literatura se manifesta através de textos que interrogam o mundo de maneira complexa e surpreendente (Perrone-moisés, 2016). Ler promove um

encontro íntimo da(o) leitora(leitor) com os seus pensamentos e sentimentos. O passatempo nas horas vagas é transformado em convite para a reflexão a partir das palavras lidas. O entretenimento literário converte-se em um leque aberto que apresenta as diversas formas de viver. A literatura está presente na estética das palavras, nos questionamentos nem sempre confortáveis, nos modos de perceber e estar na vida. A literatura é “como o amor, uma maneira de ser” (Pennac, 1993, p. 119).

Literatura é linguagem. É expressão, manifestação. É meio para buscar compreender a si e ao mundo. Literatura é arte. É reflexão, indagação e possibilidades. Literatura é oportunidade de transformação. Segundo Petit (2010), as obras literárias permitem sonhar com outros futuros, mudar de perspectiva por meio da reestruturação das emoções e das representações das experiências vividas, permitindo a constante (re)construção de si. Reyes (2012) corrobora que a literatura permite que o mundo se torne mais habitável ao propiciar um olhar para dentro e ampliar a sensibilidade de entender a si e às(aos) outras(os), impulsionando a(o) leitora(leitor) a recriar os sentidos dos textos lidos. Os livros tornam-se indispensáveis conversas sobre a vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Literatura não se conceitua, compreende-se. Segundo Perrone-Moisés (2016), apesar de não existir um conceito preciso que defina a literatura, há, entretanto, um consenso. Entende-se a literatura como uma prática de linguagem distinta (e superior) às outras práticas verbais, por sua característica artística e reflexiva.

A literatura, como expressão por meio das palavras e da experiência estética, “brinda o leitor com as coordenadas para que ele possa nomear-se e ler-se nesses mundos simbólicos que outros seres humanos construíram” (Reyes, 2012, p. 27-28). A obra literária se apresenta para compor as vivências leitoras e, em uma junção voluntária, personagem e leitora(leitor) se (con)fundem. Sem prescrição, a literatura oportuniza que a(o) leitora(leitor) se encontre e desencontre nas linhas escritas e, no emaranhado ocasionado pela reflexão literária, a linguagem estética elabora as emoções e organiza as ideias de quem lê, pois a leitura, conforme Petit (2010), movimenta o pensamento e permite a construção de sentidos.

A literatura, enquanto linguagem estética, simboliza as vivências humanas e ressignifica os contextos cotidianos. É a arte “que ousa, se aventura a falar de tudo, do desconhecido, daquilo que é percebido pelos sentidos, materializando os sentimentos humanos ou os diferentes olhares que o ser humano pouso sobre as coisas” (Martins; Picosque, 2012, p. 151). Afinal, como afirma Candido (2004), a linguagem literária articula as palavras em uma forma que impacta e toca a(o) leitora(leitor), enriquecendo sua visão do mundo.

Ler obras literárias é (re)conhecer horizontes e direcionar-se a destinos autônomos. A diversidade das vivências humanas apresentada pela literatura favorece que a(o) leitora(leitor) se (re)visite, questione-se e duvide do que se mostra como conclusão. A arte literária revela novos mundos e, por fazer refletir sobre as ações humanas de forma simbólica e sensível, potencializa a humanização. Pennac (1993), porém, destaca que a leitura literária, por todas as suas contribuições, não pode se transformar em uma espécie de obrigação moral. A perspectiva da literatura como uma moralidade ganharia um caráter utilitarista e feriria sua liberdade inalienável de criação.

A literatura não é resposta ou solução. Ela “não detém monopólio sobre nada, mas a humildade lhe convém e seus poderes continuam imensos” (Compagnon, 2009, p. 57). Literatura é sentir, refletir e voltar. Voltar para si e para o outro a partir das palavras por meio de linhas e entrelinhas. Na infinitude das simbolizações, criar. Narrar para si novas possibilidades de viver e conhecer mundos novos. Ter o direito de encontrar-se ou perder-se, porque a busca é que movimenta a caminhada. Partir do conhecido ou desconhecido e poder continuar ou pausar. Literatura é conseguir ressignificar, transformar. É fazer existir. Ser quem se é ou quem se deseja ser. Literatura é ter o poder da liberdade.

Literature: encounters between literary reading and life narratives

Abstract

This narrative review article proposes to present literature as art and language, expanding the discussion on literary conceptions. The theoretical references are based on psychoanalytic epistemology that considers the subject in his psychic

constitution, which has unique experiences. Literature stands out beyond entertainment, emphasizing the aesthetic language through words that go beyond the recurrent use of everyday life. Literature, as art, enhances the ability to perceive and awakens reflections on human actions, providing opportunities for humanization. Literature broadens human experiences and becomes an exercise in freedom.

Keywords

Literature. Aesthetic language. Psychoanalysis.

REFERÊNCIAS

ANDRUETTO, M. T. *Por uma literatura sem adjetivos*. Tradução Carmen Cacciaccaro. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.

AZEVEDO, R. Literatura de ficção, escola e utopia. In: FAILLA, Z. (org.). *Retratos da leitura no Brasil 5*. 1. ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2021. p. 116-125.

BORTOLANZA, A. M. E. O texto sedutor na literatura: apontamentos para uma leitura da literatura infantil brasileira contemporânea. *Álabe – Revista de la Red de Universidades Lectoras*, n. 4, p. 151-163, dez. 2011. Disponível em: https://issuu.com/alabe/docs/alabe4_para_issuu. Acesso em: 21 set. 2022.

BOTELHO, L. L. R.; CUNHA, C. C. A.; MACEDO, M. O método da revisão integrativa nos estudos organizacionais. *Gestão e Sociedade*, v. 5, n. 11, p. 121-136, 2011.

CANDIDO, A. *Vários escritos*. 4. ed. São Paulo: Duas Cidades; Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004.

CHRISTO OLIVEIRA, E. Sobre a linguagem poética e escuta na clínica psicanalítica. *Revista Intercâmbio*, v. XLVII, p. 98-111, 2021. São Paulo: Lael:PUC-SP.

COMPAGNON, A. *Literatura para quê?* Tradução Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

DEMO, P. *Metodologia científica em ciências sociais*. 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: Atlas, 1995.

DEWEY, J. *Arte como experiência*. Tradução Vera Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

GALLIAN, D. *A literatura como remédio: os clássicos e a saúde da alma*. 1. ed. São Paulo: Martin Claret, 2017.

- LAJOLO, M. A literatura no reino da linguagem. *In: REYES, Y. Ler e brincar, tecer e cantar: literatura, escrita e educação.* Tradução Rodrigo Petrônio. São Paulo: Pulo do Gato, 2012. p. 6-13.
- LIMA, A. *et al. O direito à literatura.* Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2012.
- MARTINS, M. C.; PICOSQUE, G. *Mediação cultural para professores andarilhos na cultura.* 2. ed. São Paulo: Intermeios, 2012.
- NAVAS, D.; IGNÁCIO, V. Usos suspeitos do texto literário. *Revista Contexto*, Vitória, v. 27, n. 1, p. 53-68, 2015.
- NEVES, A. *Obrigado.* 1. ed. São Paulo: Pulo do Gato, 2020.
- PENNAC, D. *Como um romance.* Tradução Leny Werneck. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- PERRONE-MOISÉS, L. *Mutações da literatura no século XXI.* 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- PETIT, M. *A arte de ler ou como resistir à adversidade.* Tradução Arthur Bueno e Camila Boldrini. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2010.
- REYES, Y. *Ler e brincar, tecer e cantar: literatura, escrita e educação.* Tradução Rodrigo Petrônio. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.
- ROTHER, E. T. Revisão sistemática X revisão narrativa. *Acta Paulista de Enfermagem*, São Paulo, v. 20, n. 2, p. v-vi, jun. 2007.
- SUTHERLAND, J. *Uma breve história da literatura.* Tradução Rodrigo Breunig. 1. ed. Porto Alegre: L&PM, 2017.
- VAZ, S. *Literatura, pão e poesia: histórias de um povo lindo e inteligente.* São Paulo: Global, 2011.